

# A FORMAÇÃO E A PRÁTICA DOCENTE PERSPECTIVADA A PARTIR DA PRAGMÁTICA DE SI

Fernanda Antônia Barbosa da Mota 1

Maria Carolina dos Santos Ferreira 2

*1 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> em Educação da Universidade Federal do Piauí – UFPI, E-mail: fabmota13@yahoo.com.br*

*2 Acadêmica do curso de Pedagogia e bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica – PIBIC da Universidade Federal do Piauí – UFPI, E-mail: carolaferreira1996@gmail.com*

**Resumo:** O presente trabalho investiga na terceira fase do filósofo Michel Foucault, a linha da genealogia do sujeito, elementos teóricos para a pesquisa no campo educacional no que tange a pragmática de si, além de conceituar a noção de experiência formativa como prática de si e sua contribuição para o processo formativo docente. Este trabalho é proveniente de uma pesquisa teórico-bibliográfica. Inicialmente, foram empreendidas leituras de algumas produções de escritores secundários como Pagni (2014), Mota (2014) e Kohan (2000) que tomaram como aporte teórico a terceira fase de Michel Foucault (2011), em especial a pragmática de si. Posteriormente foram realizadas análises e interpretações desses aportes teóricos, de modo que fosse possível relacioná-los com a formação profissional docente na perspectiva educacional. Por meio deste estudo, foi abordado um novo jeito de pensar a formação humana aos olhos da teoria foucaultiana. Nessa perspectiva, questionou-se de que maneira essa educação diferenciada pode ser dirigida ao educador de modo que o mesmo tomando para si uma atitude ética e estética de verdadeiro mestre agiria frente a si, aos outros e ao mundo. A pesquisa evidencia que a pragmática de si apresentada por Foucault é o ato de fazer da existência humana uma obra de arte. O sujeito nessa perspectiva, debruçado sobre si realizaria um trabalho sobre si que o levaria a reinventar-se e a criar novos modos de existência como sinais de resistência aos modos de subjetivação instituídos. Desse modo, é possível pensar uma educação singular direcionada primeiramente à docência, onde o professor em formação cuide do cuidado de si e se constitua para, posteriormente, cuidar do cultivo de si de seus alunos, pois o mestre só pode ensinar o discípulo a realizar esta tarefa quando ele próprio já o fizera e vivenciara. Considerando que a educação é um processo pelo qual o sujeito pode se cultivar e no âmbito do qual o professor tem a tarefa de guiar seus alunos, então uma formação alicerçada no *cuidado de si* e na *experiência de si*, propostos por Foucault, é essencial para a efetivação de uma educação singular. Assim, o presente estudo aponta para uma nova maneira de pensar a formação humana a partir da perspectiva teórica foucaultiana da terceira fase.

**Palavras-chave:** Formação Docente, Prática Docente, Pragmática de si.

## **Introdução**

A educação contemporânea é ofertada de modo a dotar o sujeito de habilidades e conhecimentos necessários para que viva em sociedade ocupando cargos ou desempenhando papéis sociais que por vezes já são determinados por sua condição financeira ou social. Uma educação humana que forme o indivíduo para cuidar de si mesmo a partir de suas próprias experiências, de seus julgamentos e principalmente de suas próprias criações, ainda é algo considerado longínquo visto que esta educação diferenciada desestabilizaria a escola tradicional que cada vez mais artificializa o modo de viver e pensar humano.

Nessa perspectiva, o presente trabalho de caráter bibliográfico teve como objetivo investigar na terceira fase do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), onde o sujeito é tratado na sua relação consigo mesmo, elementos teóricos para a pesquisa no campo educacional no que concerne a pragmática de si. Além de conceituar a noção de experiência formativa como prática de si e sua contribuição para o processo educativo docente. Os aportes teóricos que fundamentaram a pesquisa foram: Pagni (2014), Mota (2014), Kohan (2000) e Foucault (2011).

Visto que a educação é um dos meios que o sujeito tem para cultivar-se e como o professor possui a tarefa de questionar seus alunos, dirigir discussões e ajudar a formar opiniões, sua formação baseada no “cuidado de si” e na “experiência de si” propostos por Michel Foucault torna-se imprescindível para a efetivação de uma educação ímpar. Mas o que seria realmente essa pragmática de si? De que forma essa noção pode contribuir para a experiência formativa docente?

Por meio deste estudo, abordaremos de que maneira Foucault apresenta essa mudança na forma de olhar e pensar a formação humana baseada numa existência diferenciada e fora dos moldes já instituídos. E, de que modo essa formação humana pode ser dirigida ao educador que possuindo uma atitude ética e estética atuaria frente a si, aos outros e ao mundo ao seu redor.

## **Metodologia**

Este trabalho é proveniente de uma pesquisa teórico-bibliográfica. Desse modo, inicialmente, foram empreendidas leituras de algumas produções de escritores secundários

como Pagni (2014), Mota (2014) e Kohan (2000) que tomaram como aporte teórico a terceira fase de Michel Foucault (2011), em especial a pragmática de si. Posteriormente, foram realizadas análises e interpretações desses aportes teóricos, de modo que fosse possível relacioná-los com o tema da formação profissional docente na perspectiva da teoria foucaultiana da terceira fase.

## **Resultados e discussões**

Michel Foucault apresenta uma mudança na forma de olhar e pensar a formação humana. Visto que esta se encontra subjugada e à mercê da lógica do lucro e da competição, onde muitos são impedidos de questionar, criticar, criar e de se subjetivar livremente. Resgatando dos antigos, dos estoicos e dos cínicos, Foucault (2011) apresenta uma formação distinta em que o sujeito por meio da pragmática de si, aprimora sua existência alcançando assim a liberdade e fazendo da sua própria vida uma obra de arte.

Nesse sentido, retomar essa perspectiva de que a formação do homem se daria por meio de uma arte da existência seria produtivo, na medida em que pode interpelar o destino que foi dado a ela no presente e colocá-lo à altura dos desafios contemporâneos, sobretudo como uma forma de resistência política à formalização do existente e à instrumentalização da cultura, presumindo a assunção de uma atitude ética diante da vida que, concomitantemente, pressupõe certa transformação de si (PAGNI, 2014. p. 154).

Dessa forma, o sujeito estaria se constituindo colocando-se como fim de sua própria existência. Todo o saber seria direcionado à arte de viver em que o indivíduo fazendo de sua vida uma obra de arte passaria a ser dono de si mesmo. Este seria um processo constante que demandaria todo um labor, ou seja, exigiria um conjunto de exercícios e de práticas de si sobre si mesmo que implicariam no cuidado de si. Isso acarretaria, portanto, numa modificação no modo de vida e de ser do indivíduo.

De acordo com Mota (2014, p.76), o “sujeito se constitui a partir de sua relação com o mundo, com a vida e consigo mesmo”. Na perspectiva da pragmática de si, o ser humano não seria um sujeito estático, pronto e acabado, mas sim uma construção histórica que viveria em constante transformação, pois está em contato com as relações sociais que mantêm (família, consigo mesmo, escola, amigos, trabalho etc.).

Para os helênicos viver a vida como obra de arte era algo que deveria ser considerado como uma escolha feita pelo próprio sujeito para a sua existência. De acordo Foucault (2011): “O momento em que, na cultura helenística e romana, o cuidado de si tornou-se uma arte autônoma, autofinalizada, valorizando a existência inteira.” Michel Foucault ainda afirma que “O cuidado de si é um agulhão que ao perfurar a pele dos homens, permanece em sua existência agitando o ser humano, incomodando-o.” (FOUCAULT 2011, p.9). Nesse período, tal princípio era considerado uma regra de vida que deveria ser praticada ao longo de toda a existência do ser humano.

Para que o ser do sujeito alcance a liberdade e autonomia, faz-se necessário que ele mesmo se ocupe de si mesmo. E esse ocupar-se é denominado de “cuidado de si” (*epiméleia heautoû*), uma aplicação concreta do ocupar-se consigo mesmo. O *epiméleia heautoû* aparece como uma arte e como o primeiro despertar. Essa noção esteve presente nos ensinamentos da cultura helenística e é uma atitude de si para consigo, para com o mundo e com os outros. Assumindo essa posição, o sujeito converteria o olhar para a sua própria direção.

Há também a necessidade de uma meta entendida aqui como a conversão de si mesmo: o eu. Essa trajetória como afirma o filósofo francês, é perigosa e exige técnicas necessárias. Exige uma arte que envolve um saber e implica ações de caráter purificador. São elas a *parrhesía*, a escuta e a subjetivação.

A *parrhesía* é um exercício que esteve presente na escola epicurista entendida como a maneira ética da palavra. Segundo Mota (2014) a “*parrhesía* caracteriza uma atitude de franqueza de pensamento, de coração e de palavra.” Ao fazer uso desta técnica o sujeito não buscar benefícios particulares, mas fala a verdade porque a mesma faz parte da sua própria transformação. O mesmo visa também ajudar o outro a encontrar sua própria autonomia e liberdade.

A escuta é outra técnica de si considerada imprescindível por permitir ao indivíduo escutar a verdade e deixar que a mesma se torne ou não a sua própria verdade. É considerada uma demonstração de vontade que serve de motivação para o discurso daquele que guia, porque o mestre só inicia ou dá continuidade ao seu trabalho com aquele que está guiando, quando este o excita o desejo. Em relação a isso Foucault cita uma passagem de Epicteto: “É preciso que excites meu desejo, porque nada se pode fazer se não se tem algum desejo de fazer.” (FOUCAULT, 2011, p. 309)

A partir dessa ação que o ser humano tem sobre si mesmo e por meio de suas próprias experiências, é que novos modos de subjetivação podem vir a ser criados, pois o sujeito enquanto ser inacabado passa por um processo de construção e cultivo de si. Logo, novas brechas e novos modos de subjetivação podem ser criados em meio às formas de assujeitamento. No que diz respeito a isso Kohan destaca a necessidade de:

[...] tornar possível a emergência de outras formas de subjetividade, formas abertas a serem pensadas coletivamente de nós sermos outros dos que somos, o que comporta poder percebermos, dizermos, pensarmos, julgarmos, fazermos numa outra lógica de relações (KOHAN, 2000, p. 154).

A prática de si possuía também a função de corrigir o indivíduo. Por isso, nesse processo o outro era indispensável, no caso o mestre (FOUCAULT, 2011, p.113). Entende-se que no *epiméleia heautoû* a relação com o outro torna-se essencial, pois este garante as práticas de espiritualidade. É ele que cuida do cuidado de si do discípulo enquanto este ainda não se encontra preparado para fazê-lo. Por isso pensar na formação do professor – enquanto futuro mestre – de um modo bastante singular torna-se tão relevante para o presente trabalho.

Nesses termos, a pragmática de si apresentada por Michel Foucault é justamente o ato de fazer da existência humana uma obra de arte em que a vida é o produto da mesma e o sujeito, debruçado sobre si, realizaria um trabalho sobre si mesmo que o levaria a reinventar-se e a criar novos modos de existência cada vez mais livres e autônomos.

Foucault não tratou diretamente de questões relativas à educação, no entanto, pode-se fazer uso de seus estudos no que diz respeito a sua terceira fase – a linha da genealogia do sujeito – nas problematizações relacionadas ao campo educacional. Por mais que suas obras tenham sido produzidas no século XX, as mesmas ainda se mantêm atuais principalmente no que diz respeito à educação contemporânea. Educação esta utilizada como aparelho de controle Estatal onde corpos, pensamentos, emoções, modos de viver e subjetivações são docilizados ao gosto e exigências de uma sociedade que não abre espaço para criações e reinvenções dos sujeitos. Só há lugar para a lógica da repetição, competição e aquisição de habilidades necessárias para um convívio social “estável” e favorável ao controle do Estado.

Como a pragmática de si se constitui como prática de si para se alçar a liberdade é necessário que o sujeito se ocupe consigo mesmo. A educação sendo um dos meios pelos quais o sujeito tem para cultivar-se e, o educador possuindo a tarefa de questionar seus alunos – ajudando-os a formarem opiniões – sua formação baseada no “cuidado de si” e na

“experiência de si” propostos por Foucault é uma luz que surge como um dos caminhos para a efetivação de uma educação distinta dos moldes tradicionais.

Fazendo uso da experiência formativa como pragmática de si é possível pensar uma educação singular direcionada primeiramente à docência, onde o professor em formação cuide do cuidado de si e se constitua de maneira ética e estética para só depois cuidar do cultivo de si de seus alunos, pois o mestre só pode ensinar o discípulo a realizar tal tarefa quando, ele próprio já a fizera e a vivenciara. A respeito disso, Mota (2014) aponta que:

É destacada a tarefa do educador não como uma moral transmissora de conhecimentos, mas como uma figura cujo papel principal é cuidar do outro que é o aluno. Especificamente, a experiência do mestre se converte em cuidar do processo de cultivo de si do estudante. Para tanto, é necessário que ele cuide de si mesmo porque isso é um pré-requisito para poder cuidar dos outros (MOTA, 2014, p. 84).

Esse processo de experimentação que escapa à estagnação atual dos modos de existência provoca uma estranheza, ou seja, uma inquietação por parte do sujeito. No entanto, este incomodar não ocorre por si só. O mestre (o professor) seria justamente esse agente que assumindo uma posição política e ética incitaria o discípulo (o aluno) a se ocupar consigo mesmo (FOUCAULT, 2011).

Assim como Sócrates é comparado a um inseto que persegue os animais e pica-os – os animais ao serem picados inquietam-se – esse seria o papel do educador, pois o sujeito só cuidará de si quando é incitado a sair do estado de profunda comodidade que se encontra. Os professores cuidariam do cuidado daqueles que precisam de direção e de acompanhamento no cultivo de si, entendendo-os como sujeitos históricos e inacabados sem excluir a sua relação com o mundo e com os outros.

É possível ver na educação básica, por exemplo, o aluno sendo treinado para adquirir competências. As escolas públicas de Ensino Médio habilitam os alunos para ingressarem no mercado de trabalho de forma imediata – contribuindo assim para a permanência do sistema econômico atual que gera desigualdades – enquanto as instituições privadas proporcionam o ensino propedêutico preparando sua clientela para ocupar as cadeiras de instituições superiores, sejam elas públicas ou privadas.

Pode-se considerar que os fins são diferentes nas duas educações, porém, em ambas, existe a preocupação de os discentes adquirirem determinadas habilidades para viverem em sociedade de acordo com a sua condição financeira e social. Os fins podem ser considerados

diferentes, contudo, em ambas as instruções a formação ainda é empobrecida de experiências e de criações que deveriam ser vivenciadas e elaboradas pelos principais atores da peça: os alunos. Os mesmos são dotados de conhecimentos – que são incapazes de modificá-los – mas não possuem a oportunidade de questionar, modificar, se auto-avaliarem e se subjetivarem à maneira que o cuidado de si exige.

A luz do pensamento foucaultiano a verdade não é alcançada por meio da aquisição de múltiplos conhecimentos, mas pela transformação do próprio ser do sujeito. A sua existência precisa ser modificada de modo que crie brechas saindo do estado de acomodação e se ocupe consigo mesmo. Nesse sentido, para Foucault (2011):

Negligenciamos todos os conhecimentos que são como aqueles gestos mais ou menos acrobáticos que poderíamos aprender, inteiramente inúteis e sem utilização possível nos combates reais da vida. Guardemos apenas os conhecimentos que serão utilizáveis, a que poderemos recorrer facilmente nas diferentes ocasiões da luta (FOUCAULT, 2011, p.207).

Sendo assim, o ser humano que busca transformar-se não deverá se ocupar com os conhecimentos inúteis, mas sim com os saberes úteis a fim de tornar-se por meio deles melhor. De acordo com Mota (2014, p.94): “A espiritualidade sustenta que a verdade demanda um longo processo de preparação para a *ascese* que acarretará a transformação do sujeito, tornando-o capaz de um retorno da verdade sobre si.” Por conseguinte, a espiritualidade põe em jogo o ser do sujeito, pois ele não sairá o mesmo desse processo.

Assim como a educação básica é ofertada de modo a dotar os alunos de habilidades, o mesmo acontece com a educação superior que prepara seus alunos – falando aqui dos alunos de licenciaturas – para serem aqueles *bons professionnels* habilitados a exercer o seu ofício docente de acordo com os moldes instituídos. Em sua formação, uma determinada carga horária de disciplinas é ofertada. Esta mesma carga horária deve ser seguida de modo a possibilitar a aquisição de competências por parte do educando. Consequentemente, os mesmos serão profissionais habilitados. Mas essa habilitação na maioria das vezes diz respeito somente ao que é exigido pelo Estado. Não é ofertada ao futuro professor uma formação que vise o cuidado dele sobre si mesmo. Não é ofertada uma educação que possibilite ao mesmo mergulhar para dentro de si e se perguntar: O que eu estou fazendo da minha vida? O que eu desejo fazer da minha vida? Como estou me constituindo? Infelizmente a formação tradicional docente está carecida de uma vida realmente experimentada e vivida.

Ao contrário desta formação que assujeita e dociliza o ser humano, limitando-o a determinadas formas de vida, é pensada uma instrução capaz de deixar o mesmo livre para fazer suas próprias escolhas no que diz respeito ao seu modo de viver, de pensar, de sentir, de agir e de criar, sendo capaz de ser autônomo de si mesmo. Essa formação é aquela onde está assentado o cuidado de si.

Para Michel Foucault aquilo que é estranho gera uma experiência do fora, onde o sujeito é constantemente convidado a inquietar-se e a ocupar-se de si. Somente em estado de desconforto e encontrando-se com o desconhecido é que se pode sair do estado de dormência em que outrora estivera. No processo do cuidar, o indivíduo precisa traçar um caminho que deverá percorrer ao ser provocado. Há a necessidade de um deslocamento que Foucault denomina de “metáfora da navegação” em que é possível perceber o quanto o sujeito precisa ser excitado a ponto de se alvoroçar e cuidar de si.

Refiro-me à metáfora da navegação, que comporta vários elementos. [Primeiramente:] a ideia, certamente, de um trajeto, um deslocamento efetivo de um ponto ao outro. Em segundo lugar, a metáfora da navegação implica que esse deslocamento seja dirigido a uma determinada meta, tenha um objetivo. Essa meta, esse objetivo, é o porto, o ancoradouro, enquanto lugar de segurança onde se está protegido de tudo. Nessa mesma ideia de navegação, há o tema de que o porto ao qual nos dirigimos é o porto inicial. A trajetória em direção a si terá sempre alguma coisa de odisseico (FOUCAULT, 2011, p.222).

Por meio do cuidado de si podem surgir novos modos de subjetivação, pois a experiência é o processo pelo qual se produz subjetivações autônomas e livres. Como afirma Mota (2014), somos simultaneamente capazes de resistir e de criar brechas para a reinvenção. Através deste processo árduo e contínuo, o ser humano se reinventa e cria ética e esteticamente sentidos diferenciados que atendam aos seus anseios frente as forças disciplinares existentes. Sobre isso Kohan (2000) enfatiza que devemos questionar os lugares comuns da experiência escolar e também contestar a forma atual de produzir, legitimar e de circular os saberes escolares.

Sabendo que a transformação do sujeito apresentada pelo *epiméleia heautoû* exige um trabalho contínuo sobre si mesmo, o professor necessitará de algumas práticas ou exercícios espirituais que lhe permitem melhores condições para o enfrentamento das incertezas da vida, colocando-se a altura dos desafios contemporâneos (FOUCAULT, 2011). Essas práticas são consideradas como meios para alçar a liberdade – sendo esta última, condição ontológica da ética. A *parrhesía*, a escuta e a subjetivação são alguns desses



exercícios. Foucault resgata da escola epicurista a noção de *parrhesía*. Entendida como a maneira ética da palavra. A mesma “consiste em um dizer veraz em que coincide o discurso enunciado com a verdade vivida pelo sujeito que o enuncia e que, para tal, experimenta em si mesmo a modificação de seu próprio ser” (PAGNI, 2011, p.167). O sujeito não fala por falar, mas sim porque vive essa verdade ao longo de sua existência, ou seja, o discurso se identifica com o agir.

O parresiasta por meio de sua atitude ética consegue ser verdadeiro consigo mesmo e com os outros. Nesse dizer veraz há a abertura do coração onde discípulo e mestre não escondem nada um do outro, pois existe a confiança e uma espécie de amor erótico mútuo. Esse exercício não deve ser confundido com a lisonja, pois é uma atitude que o sujeito terá para consigo mesmo e com os outros sem ansiar por benefícios próprios.

Fazendo uso do discurso parresiástico o professor estaria contrapondo-se a forma de ensino atual onde ele é detentor de todo o conhecimento transmitindo verdades prontas e acabadas aos seus alunos – estes últimos vistos como criaturas passivas e fáceis de serem domados. Por meio do discurso verídico, o educador em sua ação pedagógica estaria praticando realmente aquilo que diz, ou melhor: estaria discursando realmente o que vive. Por meio de sua própria ação seria testemunho vivo daquilo que defende criando assim, novos modos de existência (PAGNI, 2014, p. 216).

Entende-se que para falar de maneira útil é preciso que haja uma arte, necessita competência, experiência, práticas e aplicações. Essa arte exige conhecimento e para que o mesmo seja adquirido, a escuta é essencial. No entanto, é preciso purificar a escuta lógica por meio do silêncio, na forma de guardar e principalmente na atenção, pois o discurso filosófico necessita ser escutado com toda a atenção do sujeito. A escuta é, portanto, uma espécie de compromisso que o discípulo tem para com o seu mestre (FOUCAULT, 2011, p. 308). Vale lembrar que essa técnica é considerada como uma característica singular dos estoicos.

Para escutar, o aluno precisa dirigir sua atenção para as coisas que são úteis e que levam à modificação de si mesmo. Logo após o processo de escuta, o discípulo deverá acolher o que acabara de ouvir no seu íntimo fazendo um autoexame convertendo seu olhar para si. O que ouviu pode vir a ser seu também.

É preciso que a coisa, assim que a tivermos ouvido da boca daquele que a pronunciou, seja recolhida, compreendida, bem apreendida no espírito, de modo que não escape em seguida. Daí, toda uma série de conselhos tradicionalmente dados nessa ética da escuta: quando se ouvir alguém dizer

alguma coisa importante, não se colocar imediata e interminavelmente a discuti-la; procurar recolher-se, guardar o silêncio para melhor gravar o que se ouviu, e fazer um rápido exame de si mesmo após a lição que se ouviu ou a conversa que se acabou de ter; lançar um rápido olhar sobre si mesmo para ver como se está, para examinar se o que se ouviu e aprendeu constitui uma novidade em relação ao equipamento (a *paraskeuê*) de que já se dispunha e ver, conseqüentemente, em medida e até que ponto foi possível aperfeiçoar-se (FOUCAULT, 2011, p.312).

Durante o processo de escuta, percebe-se que aquele que está sendo guiado necessita estar em constante vigília sobre si mesmo avaliando-se a respeito de suas atitudes, valores e concepções interrogando-se sobre sua própria formação, fazendo, portanto, de sua vida uma obra de arte. Esse seria então o papel que o educador deveria tomar para si: o de olhar também para o seu interior de modo que pudesse fazer questionamentos sobre o que acredita e sobre as suas atitudes.

Pois o que mais existe são professores que acreditam fielmente naquilo que tomam como verdade e não se abrem para o novo e o inusitado. Infelizmente há alguns educadores que ainda se mantêm totalmente fechados e enclausurados nos seus métodos tradicionais colaborando cada vez mais para o ensino tradicionalista que impede os alunos de questionarem e de pensarem por si só.

O educador dessa maneira criaria novos modos de existência, incentivando seus alunos a realizarem a mesma tarefa: a se subjetivarem, a experimentarem a vida de fato vivendo de forma dramática. Assim, os mesmos assumiriam também uma atitude política e crítica diante do mundo podendo agir sobre ele, modificando-o. Através dos exercícios espirituais, por meio da filosofia, o professor é convidado a viver a vida como obra de arte, a ocupar-se consigo mesmo, a refletir seus valores sendo ele mesmo o artista de sua própria vida, pois é dando o seu próprio testemunho é que conseguirá excitar o outro.

## **Conclusão**

Por mais que o cuidado de si tenha sua origem nos antigos, estoicos, cínicos e epicuristas, constata-se que os métodos de falar eticamente e o escutar num diálogo, são técnicas seculares que são consideradas de grande valia para a criação de novos modos de existência independentes. Através desta nova formação, é possível pensar uma educação singular.

É de grande valia destacar o papel que o outro tem nesse processo para lembrar que o sujeito necessita desse outro na vida. Esse outro (o mestre) é relevante por ser aquele que incita e excita o desejo do ser humano em cuidar de si mesmo.

A palavra “cuidar” possui tantos significados: ter cuidado de, tratar de, assistir. E esta pequena palavra acaba por passar um sentimento de apreço, de afeto. Poucos são aqueles que têm a dádiva de ter esse cuidado consigo mesmo e de voltar o olhar para si. A sociedade moderna não possibilitou esse modo de vida e a contemporânea também não dá espaço para que a mesma seja vivenciada. Então, frente aos desafios dessa sociedade que normatiza, dociliza e disciplina, uma formação pautada na pragmática de si é de suma importância para a criação de subjetivações livres e autônomas. Como o papel do professor é de grande valia enquanto esse outro, a sua formação deve estar alicerçada numa experiência formativa como pragmática de si. Nessa perspectiva, o educador é convidado a mergulhar sobre si e se autoavaliar perguntando-se: quem sou eu como educador? Como estou me constituindo enquanto tal?

Numa educação que aspira a sua própria preparação e transformação, o professor experienciaria a sua própria vida não “deixando-se levar por ela”, mas atuando como o autor de pinceladas certas e profundas conferindo sentidos a elas.

## **Referências**

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no *Collège de France* (1981-1982). Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

KOHAN, Walter. **Subjetivação, Educação e Filosofia**. Perspectiva. Florianópolis, v.18, n.34. p. 143-158, jul./dez. 2000.

MOTA, F. A. B. da. **O ensino da filosofia da educação como arte da superfície**. 2014. 161 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Piauí, Curso de Doutorado em Educação. Teresina, 2014.

PAGNI, Pedro Ângelo. **Experiência estética, formação humana e arte de viver**: desafios filosóficos à educação escolar. São Paulo: Loyola, 2014. p.149-238.